

## APÊNDICE AO ARTIGO PRECEDENTE

## O coração na arte e poesia populares

O «coração» na Psicologia vulgar é tido por órgão ou séde do sentimento. D'aí vem que até as cantigas populares o personificam, como eu disse nos *Ensaíes Etnográficos*, iv, 82-83, e se pode ver nesta:

A fôlha da oliveira,  
Quando chega ao lume, estala:

Assim é meu coração  
Quando contigo não fala,

que ouvi a uma pessoa de Amarante. A palavra «coração» pode tomar-se tropologicamente por «amante»:

Ó coração traído,  
Ó cara cheia d'enganos,  
Olha a paga que me deste  
De te eu amar tantos anos!

Tanto chorei ont' á noite,  
Q'amolentei o sobrado:  
Coração que tanto chora,  
Deve de 'star magoado!

cantigas que ouvi no Norte. A última traz à lembrança outras em que é o próprio coração que aparece a chorar:

Adeus, Adeus, Carrazeda,  
As costas te vou virando,  
Minha bôca se vai rindo,  
Meu coração vai chorando.

O cantar é para os tristes,  
Deixai-me cantar agora,  
Que meu e'ração anda triste,  
Deita lágrimas e chora!

as quais me enviou o falecido etnógrafo A. Tomás Pires. Com a primeira d'estas duas cantigas cf. uma do Alto-Minho na *Rev. Lusitana*, viii, 301 (artigo de A. de Pinho). A mesma idea de *chorar o coração* se encontra na literatura culta: a ela se alude na *Zs. f. roman. Philologie*, xxix, 339. Cf. *Cancionero de Baena*, ed. de F. Michel, I, 250 (séc. xiv). Diogo Bernardes (séc. xvi), n-*O Lyra*, ed. de 1820, p. 63, fala de: «hum coração em *lagrimas desfeito*». Nas *Outonaes*, de Raúl do Vale, S. Paulo 1909, lê-se: «um *coração amante* || Mais que o Mondego *se transforma em prantos*». António Feijó, na *Limiana* (jornal), 1912, p. 50, diz: «O *coração talvez se esqueça de chorar*».—Ao coração nas artes plásticas e nas superstições me referi já em 1881 no *Estudo Ethnographico*, p. 37, a propósito dos jugos e cangas dos bois, onde êle figura. Aqui dou outras indicações. Coração na ourivezaria: vid. *Notas sobre Portugal*, t. II, 1909, pp. 181-182 (artigo de Joaquim de Vasconcelos). Coração na cerâmica, já como pintura, já como fôrma: vid. José Queiroz, *Cerâmica Portuguesa*, Lisboa 1907, p. 38 (travessa de faiança do séc. xvii, corações atravessados por setas, e neles AM-OR) e fig. 46; J. de Vasconcelos, *Catalogo da Cerâmica* do Museu do Pôrto, Pôrto 1909, p. 84, n.º 180, est. x (coração traspasado de setas como pintura dum prato antigo de faiança), p. 59, n.º 130, est. xlvii (perfumador cordiforme de faiança). Na secção etnográfica que formei no Museu Etnológico Português podem ver-se muitos objectos, ou cordiformes, ou com pinturas ou gravuras de corações: pesos de tear de forma de coração, de louça, de pedra e de barro, às vezes com outros corações pintados, ou com emblemas e desenhos vários (Sul); penduricalhos de madeira e cortiça cordiformes para andarem nas chaves, a fim de estas não se perderem; ganchos de meia cordiformes, cornas, pintadeiras, colheres, caixinhas de escorvas, com corações ornamentais (Alentejo); espelhos de ferro de fechadura cordiformes (Bougado); cabos de candeias de lata enfeitados com corações (Moncorvo); descanso de um ferro de engomar com um coração no centro, atravessado por uma seta (Évora); castanhe-

tas de madeira com incisões artísticas que representam corações (Beira Baixa); marcas de livros feitas de papel, cordiformes, e com deprecações escritas; registos de romarias, de papelão, igualmente cordiformes, e com imagens coladas (Lisboa, Buarcos, etc.); um livro de versos com capa, também enfeitada de corações (de esposos); um tinteiro de faiança antigo que no todo imita um coração (do convento de Barrô). O pensamento que inspirou esta obra de arte não deixa de se relacionar com o que inspirou a seguinte usual cantiga:

O papel com que te escrevo  
Sae-me da palma da mão,

A tinta sae-me dos olhos,  
A pena do coração,

onde há um trocado de palavras entre *pena* «de escrever» e *pena* «dor»; o coração é como que o tinteiro onde se molha a pena; por outro lado a pena é a dor ou seta, que muitas vezes traspassa os corações artísticos, como temos visto a cima. Acêrca do coração nos pêsos de tear vid.: *O Arch. Port.*, iv, 242; *Portugalia*, i, 378 (Cruz); Vergílio Correia, *Velhos teares*, Lisboa 1912, p. 8, e «Os pesos de tear» (n-*A Aguiã*, n.º 36, p. 176 sgs.). O coração figura artisticamente em bordados, em rendas, em rocas (*Portugalia*, ii, 638 sgs., artigo de Natividade), em fôrmas de sal (*A Aguiã*, n.º 33, p. 83 sgs., artigo de Vergílio Correia), em tatuagens (Rocha Peixoto, *A tatuagem em Portugal*, Pôrto 1892, fig. 20; A. Teixeira Bastos, *A tatuagem nos criminosos*, Pôrto 1903, est. i, iv, etc.). Pela minha parte, tenho colhido muitos exemplos de tatuagens em que entra o coração, e do assunto creio que tratará também o Sr. Joaquim Fontes num trabalho etnográfico que tem em preparação. Do coração como amuleto fala A. Tomás Pires, *Amuletos Alentejanos*, Elvas 1904, p. 10. O coração, porém, como amuleto português tem pouca vida; quando aparece com outros amuletos, está aí principalmente como amuleto morto ou degenerado, ou como emblema religioso, representativo da «caridade». Sem embargo, há noutros países amuletos cordiformes (não cito exemplos para não aumentar demasiado este apêndice).—Em muitos dos casos em que o coração desempenha papel artístico, talvez não sejam sem influência as imagens que a Igreja espalha por toda a parte com o coração da Virgem e de Cristo, ora chamejantes, ora assetiados. Tanto ao coração se dá existência própria, que há mesmo associações com a invocação do coração de Maria e do coração de Jesus. É tomar muito à letra os mandamentos da Rêtorica. Todavia, esta persistência com que aparece o coração na arte e na poesia populares tem o seu fundamento principal no génio amoroso e apaixonado dos Portugueses, tão decantado em toda a nossa literatura e na hespanhola. Às vezes ao coração, nas representações artísticas, vem associada uma chave, como diz uma cantiga:

Aquí tens meu coração  
E a chave para o abrir,

a qual tem um paralelo noutra nossa, do séc. xvii, que encontrei em 1913 em Londres, num códice do Museu Britânico; cf. também *Ensaio Etnográfico*, iv, 82-83.—É meu desejo não alongar o apêndice, senão muito mais havia que dizer.

J. L. DE V.

#### Errata do Volume XIX do Archeólogo

A pág. 178, linha 1.<sup>a</sup>, do § 3.<sup>o</sup>, onde se lê *grattoir* leia-se *racloir*.